

Relato de Experiência no Peif: O Turismo como Resgate Identitário na Fronteira Corumbá-Puerto Quijarro

Relato de Experiencia en el Peif: el Turismo como Rescate Identitario en la Frontera Corumbá-Puerto Quijarro

Suzana Vinicia Mancilla Barreda*

Mercy Ramos Gomes**

Maria Luiza Marcondes***

Resumo: Este artigo origina-se de experiência desenvolvida na região da fronteira Bolívia-Brasil com a participação de professores da educação básica e orientação de professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com vistas à implantação do Programa Escolas Interculturais de Fronteira. Trata da realização do projeto Pontos turísticos de Corumbá-Puerto Quijarro/Puerto Suárez, realizado em duas escolas localizadas em ambos os lados da fronteira, Ampliamos a discussão para o sentido que tem o turismo como atividade sociocultural e a resignificação do cotidiano expresso em registros denominados “pontos turísticos”. Identificamos aspectos identitários que permeiam as questões de fronteira e seus efeitos nos sujeitos.

Palavras-chave: turismo, identidade, fronteira Bolívia-Brasil.

Resumen: Este artículo se origina de una experiencia que se realizó en la región de frontera Bolivia-Brasil con profesores de la escuela primaria, bajo la orientación de profesores de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul con la perspectiva de implantar el Programa Escuela Intercultural de Frontera. Trata de la realización del proyecto Puntos Turísticos de Corumbá-Puerto Suárez/Puerto Quijar-

Introdução

Costumamos caminhar pelas ruas da nossa cidade sem perceber que esses lugares, parte do cotidiano, estão carregados de histórias que algum forasteiro poderá, eventualmente, ter interesse em conhecer, registrar com sua câmera fotográfica, vivenciar uma experiência cultural diferenciada e constituir esse lugar aparentemente tão comum para os moradores locais, num ponto turístico inesquecível. Transitamos por esses lugares, diferenciados para os visitantes, entretanto, transformados em fato comum pelas circunstâncias do dia a dia. Vistos dessa forma, perguntamos-nos que efeitos têm (ou poderiam ter) esses pontos turísticos como marcas da nossa memória?

* Professora do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: suzana.mancilla@ufms.br

** Professora da Educação Básica na Escola Municipal José de Souza Damy. Participante do Programa Escolas Interculturais de Fronteira. E-mail: mercyela@hotmail.com

*** Professora da Educação Básica na Escola Municipal José de Souza Damy. Participante do Programa Escolas Interculturais de Fronteira. E-mail: marcondes_ma@hotmail.com

ro, desarrollado en dos escuelas localizadas a ambos lados de la frontera. Ampliamos las discusiones hacia el sentido que tiene el turismo como actividad sociocultural y el resignificado del cotidiano que se expresa en registros denominados “puntos turísticos”. Identificamos aspectos identitarios que traspasan las cuestiones de frontera y sus efectos en los sujetos.

Palabras claves: turismo, identidad, frontera Bolivia-Brasil.



Viver numa região de fronteira, tendo como pano de fundo o Pantanal, um dos ecossistemas mais visados na atualidade¹, torna o “fazer turismo no pantanal” uma atividade que parece destinada apenas aos visitantes e não aos moradores locais. Isso somado ao turismo de compras, tão em evidência nas fronteiras do estado de Mato Grosso do Sul, dá um tom próprio à atividade turística neste lugar. Mas, afinal, fazer turismo é só visitar o pantanal, pescar e fazer compras? Como vivenciam os habitantes desta região as atividades turísticas?

Estes outros aspectos serão abordados no presente relato de experiência, resultado de projeto formulado no Curso de formação contínua, destinado a professores bolivianos e brasileiros, inscritos no Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF)², programa educativo que se desenvolve nas fronteiras do Brasil com os países limítrofes e que se encontra em diferentes etapas de realização, desde seu início em 2005.

¹ A Fundação de Turismo de MS define o Pantanal como uma das regiões de maior importância turística, sendo um dos destinos brasileiros mais procurados no setor turístico nacional e internacional.

² Desde o início, o programa sofreu modificações na sua denominação, conforme encontramos nos documentos publicados pelo MEC. Ao documento inicial Programa Escolas Bilíngues de Fronteira (PEBF) foi incluída a dimensão intercultural, passando a denominar-se Programa Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira (PEIBF). Constatada a limitação do conceito bilíngue em fronteiras que se apresentam multilíngues, retirou-se essa dimensão, ficando a nomenclatura atual Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF).

A trajetória do PEIF ao longo destes anos encontra-se em algumas publicações como a de Thomaz (2010), e outras pesquisas que tratam do Programa nas suas diversas dimensões. Nossa proposta é focar na fronteira Corumbá – *Puerto Quijarro/Puerto Suárez*, onde o Programa foi concebido processualmente, em resposta à necessidade de estabelecer um diálogo entre os atores que conformam os sistemas educativos brasileiro e boliviano. Alguns dados são relevantes nesse propósito. Destacamos a significativa presença de alunos bolivianos nas escolas de Corumbá e o distanciamento evidente nas relações marcadas pelo desconhecimento do Outro, neste caso marcamos o Outro como o boliviano, a partir da perspectiva do âmbito escolar brasileiro.

A implementação do PEIF nessa fronteira não teve um início similar às outras fronteiras, principalmente se comparado às fronteiras do sul do Brasil. Conforme narrativas de professores participantes registradas em relatórios como o de Dornelles (2006), descrevem o início marcado pela aplicação de um diagnóstico sociolinguístico junto às comunidades escolares das diferentes fronteiras, em que foi desenvolvido o Projeto³, a formação dos professores para a posterior implementação do “cruce”⁴, procedimento descrito como “o modo como se operacionaliza a principal ação da Escola Intercultural, baseada na troca dos docentes.” (STURZA, 2014, p. 5).

No encontro em um seminário intitulado “Encontro de educação na fronteira”, realizado em setembro de 2011, reuniram-se professores e representantes do poder público no âmbito educativo de Corumbá e *Puerto Quijarro*. Nesse evento foi proposto o ingresso dessa fronteira no PEIF, dessa forma, a UFMS, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação Corumbá e a *Dirección Distrital de Educación de Puerto Quijarro* organizaram o primeiro Curso de Formação Continuada para professores bolivianos e brasileiros, sendo abordados os seguintes temas: educação e metodologia de projetos, interculturalidade e as línguas que circulam nessa fronteira.

³ No período de 2005 a 2009 o PEIF esteve sob coordenação do Instituto de Políticas Linguísticas (IPOL), instituição responsável pela elaboração e aplicação do diagnóstico em questão. A partir de 2010, as Universidades Federais foram convocadas para o acompanhamento e orientação contínuos às escolas participantes do PEIF, nessa ocasião recebemos os relatórios resultantes do diagnóstico sociolinguístico, entretanto, não tomamos conhecimento do formato e conteúdo dos questionários.

⁴ Inicialmente o “cruce” havia sido idealizado o intercâmbio de professores que uma vez por semana atravessariam a fronteira para ministrar um período de aula na escola do país vizinho. Dessa forma foram realizados os “cruces” nas diferentes fronteiras. Porém, a diversidade de situações e dificuldades enfrentadas na sua realização, ampliou o ideia do intercâmbio de professores para outras modalidades, como por exemplo, atividades realizadas à distância entre alunos, atividades realizadas à distância entre professores, atividades desenvolvidas presencialmente como o encontro de duas turmas numa das escolas participantes, entre outras, lançou um desafio qual seja, criar modos de desenvolver o “cruce”, considerando as peculiaridades regionais.

Para contextualizar o lugar, a mobilidade dos alunos nesse lugar e as escolas participantes do curso, iniciamos uma breve descrição local, para em seguida tratar do desenvolvimento do projeto que dá título a este artigo.

Contexto

No extremo oeste do Estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, está o município de Corumbá, distante aproximadamente 425 quilômetros da capital do Estado, Campo Grande. Este município faz fronteira com *Puerto Quijarro* e *Puerto Suárez*, municípios situados na região oriental da Bolívia, no Departamento de Santa Cruz, constituindo uma confluência fronteiriça “vibrante”, adjetivo cunhado pelo pesquisador Tito Carlos Machado, em referência à dinâmica das relações estabelecidas em diferentes âmbitos, predominantemente o comercial, mas também humano e por consequência, cultural.

Nesse cenário, registra-se a presença de alunos bolivianos nas escolas da Rede Municipal de Educação de Corumbá, com quantitativo crescente, como mostram os dados recolhidos junto à Secretaria Municipal de Educação nos anos de 2012 e 2013, contabilizando 548 e 659 alunos bolivianos respectivamente. Há de se destacar, entretanto, a problematização de Ortiz quanto às designações como procedência, nacionalidade, condição migrante desses alunos denominados *a priori* bolivianos:

É importante esclarecer que preferimos muitas vezes utilizar o termo “procedência boliviana” ou o termo “migrante”, entre aspas, para falar de crianças que vêm da Bolívia para o Brasil ou são “migrantes” e também de crianças brasileiras que muitas vezes fazem o caminho inverso. É difícil ou, muitas vezes é impossível dizer que a criança de procedência boliviana que estuda em nossas escolas corumbaenses seja um migrante. Na maioria das vezes, apesar de residir do outro lado da fronteira, ela possui documento brasileiro, sendo, portanto, um “cidadão brasileiro”. (ORTIZ, 2011, p. 12-13)

Essas considerações, *per se*, implicam numa problemática que envolve a identidade de fronteira, sendo uma das faces que expõe os paradoxos fronteiriços presentes na vivência dos habitantes locais e que muitas vezes passam despercebidos aos olhos dos visitantes.

Alguns estudos sobre as relações estabelecidas entre “alunos bolivianos”, alunos brasileiros e os professores nas escolas de Corumbá foram desenvolvidos nos últimos anos (SILVA e SOUZA, 2012; COSTA, SOUZA e SILVA, 2008; RODRIGUES e SOUZA, 2011; RIBEIRO, 2011; RIVAS, 2011), evidenciando uma complexidade inter-relacional, como por exemplo, falhas na comunicação, atribuídas às diferenças linguísticas; isolamento dos alunos bolivianos por diferentes manifestações de preconceito, tanto de alunos como professores brasileiros, resultando numa educação falha na proposta de inclusão que permeia os objetivos da educação

brasileira. Entre esses estudos, destacamos a pesquisa de Silva e Souza (2012), referidas à educação infantil, que aponta resultados diferentes aos recolhidos em outros níveis da educação básica, e levantam reflexões instigantes que não abordaremos neste trabalho, mas que podem propiciar novas perspectivas na educação na fronteira.

Em 2012 participaram do Curso de formação continuada 6 escolas, sendo 3 de Corumbá e 3 de *Puerto Quijarro* (Tabela 1). Entretanto, é conveniente mencionar, que ao longo dos encontros acontecidos de agosto a novembro, período em que foi realizado o curso. Constatamos a participação pontual de professores de outras escolas, tanto de Corumbá quanto de *Puerto Quijarro*, em algumas das atividades realizadas.

Tabela 1 - Escolas bolivianas e brasileiras participantes do PEIF em 2012.

Município	Escola / <i>Unidad Educativa</i>	Localização
Corumbá	CAIC Padre Ernesto Sassida	Rodovia Ramão Gomes S/N, Bairro Dom Bosco
	E. M. Eutrópia Gomes Pedroso	E. M. Rural Assentamento Tamarineiro
	E. M. José de Souza Damy;	Bairro Cristo Redentor
Puerto Quijarro	<i>Unidad Educativa La Frontera</i>	Distrito <i>Arroyo Concepción</i>
	<i>Unidad Educativa Maximiliano Paredes</i>	Distrito <i>Puerto Quijarro</i>
	<i>Unidad Educativa 27 de mayo</i>	Distrito <i>Puerto Quijarro</i>

As escolas e os projetos

Em consonância com a proposta do PEIF, foram discutidos temas abrangendo a educação no viés da interculturalidade, as línguas que circulam nesse contexto de fronteira e a metodologia de projetos que orienta as atividades do Programa. Os diálogos intercambiados entre os professores participantes foram mediados por professores da UFMS de diferentes áreas de conhecimento, pois entendíamos que não era possível limitar os contatos na Educação à área de conhecimento das línguas.

Ter contado com professores de diferentes áreas marca um posicionamento inovador na organização dos cursos de formação do PEIF, ampliando o olhar para a educação a partir de outras perspectivas como a História, a Pedagogia, a Antropologia, a Linguística e a Literatura, áreas de domínio dos professores formadores e orientadores participantes desse curso.

Durante a realização dos cursos, houve uma aproximação entre os professores das escolas (professores cursistas) e os professores orientadores, levantando-se temáticas que emergiram do interesse dos participantes, com a finalidade

de planificar atividades de intervenção nas escolas participantes. Desse modo, dividiram-se em 6 grupos que organizaram e planejaram projetos a partir das temáticas definidas.

Este procedimento foi adotado com o intuito de promover uma aproximação dos professores cursistas e professores orientadores com a metodologia de projetos de aprendizagem, porquanto, essa permite a escolha e o desenvolvimento de temas propostos a partir das problemáticas que os alunos vivenciam consoantes com as diferentes realidades. Neste caso, não houve a emergência temática a partir dos alunos, senão a partir dos professores.

Cada grupo esteve composto por 1 professor coordenador, 1 grupo de professores brasileiros e 1 grupo de professores bolivianos. Por razões práticas os professores reuniram-se entre aqueles que trabalhassem na mesma escola. Na tabela 2 estão discriminados os grupos com temática e componentes.

Tabela 2 - Grupos discriminados por projetos, participantes e orientadores.

Projetos	Professores Cursistas	Orientador (a)	Escolas participantes
A formação cultural boliviana e brasileira nos times de futebol	- Rubens Dário Yanez; - Jorge Correa Antelo; - Regina Coelho de Melo.	- Lucilene Machado - Alexandre Cougo de Cougo.	- <i>Unidad Educativa La Frontera</i> ; - E. M. Eutrôpia Gomes Pedroso
Pontos turísticos na fronteira Bolívia/Brasil	- Maria Luiza Marcondes; - Mercy Ramos Gomes; - Rosangela Lora; - Marlene Karen Irala Flores.	Suzana Vinicia Mancilla Barreda.	- <i>Unidad Educativa La Frontera</i> ; - E. M. José de Souza Damy.
Dificuldades na expressão oral e escrita em atividades com lendas folclóricas	- Maria Nóbrega Paz - Vera Regina Rodrigues da Silva - Ruth Lhanos García	- Fabiana Portela de Lima - Luciene Paula Machado Pereira	- <i>Unidad Educativa La Frontera</i> ; - CAIC Pe. Ernesto Sassida.
Culturas e comidas tradicionais na Bolívia e no Brasil	- Johany Mercedes; - Mariana Vaca Conde.	Elizabeth Maria Azevedo Bilange.	- <i>Unidad Educativa La Frontera</i> ; - E. M. Eutrôpia Gomes Pedroso
Usos da linguagem por meio das poesias brasileiras e bolivianas	- Edinéia do Nascimento Correia; - Florinda Candia Anastácio; - Osvaldina Milgar; - Rosa Helena B. Viana.	Joanna Durand Zwarg	- <i>Unidad Educativa La Frontera</i> ; - CAIC Pe. Ernesto Sassida.
Modos de comer e vestir Bolívia-Brasil	- Marcia Antonia Consuelo Lopes - Claudia Michel Cora; - Consuelo Velez de Koch; - Ruth Salazar Vega; - Ruth Llanos García	Ângela Varela Brasil	- <i>Unidad Educativa La Frontera</i> ; - E. M. Eutrôpia Gomes Pedroso

Neste artigo apresentamos as atividades desenvolvidas pelo grupo 2, em que o tema central abordou o Turismo. O tema ora proposto emergiu nas conver-

sas entre os componentes do grupo. Com tudo, como registramos nas falas dos professores, sobressaíram questões tão ou mais instigantes que o próprio tema. A seguir apresentamos considerações sobre o Turismo, tendo como referência a fronteira, para em seguida apresentar a ação de intervenção nas escolas e as considerações finais.

O turismo como forma de pensar a região

Ao mencionar a fronteira como espaço territorializado, imaginamos a divisão demarcada pela linha de fronteira, as instâncias representativas e seus símbolos presentes naquele lugar. A fronteira, como espaço transitado, congrega instâncias de poder, como a Polícia Federal e Receita Federal do lado brasileiro; o *Control Fronterizo* e a Aduana, do lado boliviano, entre os quais encontramos o que restou do *Arroyo Concepción*, córrego que exerce a função de limite entre Corumbá e *Puerto Quijarro*, dando nome à primeira área urbana mais próxima à fronteira brasileira, e que agoniza entre o descuido e a indiferença dos habitantes locais que o atravessam todos os dias.

Na ponte sobre o *Arroyo Concepción* e arredores costuma se realizar uma prática cultural que é comum na Bolívia, “los bloqueos”, expressões políticas populares e consistem na paralização da circulação do trânsito terrestre quando ocorre uma reivindicação ou reclamação junto ao governo local, nacional e inclusive com reivindicações sobre atitudes do governo vizinho, como ocorreu em 2011, quando foram impostas novas regras quanto à regulação do controle aduaneiro pela Receita Federal brasileira.

Como apropriações dessa prática, realizam-se protestos por parte de alguns segmentos da sociedade corumbaense, como o bloqueio de alguns assentamentos rurais reivindicando a distribuição de água em 2010 ou a paralização dos caminhoneiros em agosto de 2013, com o fechamento da fronteira, entre outros protestos que configuram a linha de fronteira como cenário de reivindicações.

Nesse ambiente contraditório, de semelhanças e diferenças, o meio ambiente exerce um contraponto desambiguador, ao proporcionar uma paisagem similar a ambos os lados da linha divisória, com belezas e problemáticas muito semelhantes: o Pantanal supera os limites criados, rememorando um sentido unificador, como a “alma do lugar” que Castrogiovanni e Gastal (2007) evocam ao referir-se à conjunção desses elementos:

O estado poético acaricia a alma do lugar e suaviza o desconhecido trazido pelo embalar da embarcação, fazendo com que a *viagem* não pare. É importante navegarmos e sentirmos a poesia que as ondas dos mares despertam em nós - Sujeitos marinheiros, renascendo

sem cessar. É preciso navegar! Navegar muito! É preciso despertar para o amor, o amor para navegar! É preciso planejar o espaço turístico através do estado poético que o espaço geográfico possui! (CASTROGIOVANNI; GASTAL, 2007, p.13).

Assim o espaço, o território, a fronteira relacionam-se com o turismo pelos recursos naturais que abrigam, promovendo reflexão mais necessária ainda em um município que se identifica como polo turístico, como é o caso de Corumbá e mais recentemente o oriente boliviano, que cada vez mais assume o papel de região turística no contexto boliviano, lugares outrora esquecidos em detrimento da visibilidade da região dos Andes bolivianos reconhecida internacionalmente.

A atividade turística relacionada ao meio ambiente abrange diferentes atividades como a pesca, delimitada aos meses de março a outubro. Para os habitantes locais, a pesca é uma atividade de subsistência e deriva em diferentes outras atividades, como a venda de instrumentos para a pesca, a venda de iscas, a elaboração de produtos artesanais a partir do couro do peixe, entre outras.

Durante a discussão sobre turismo na região, constatamos que a pesca, atividade turística e de sobrevivência que destaca e identifica Corumbá, é vista como uma atividade “distante”, na abordagem do tema turismo. Ponderamos que isto possa explicado nas palavras de Júnior:

O turismo de pesca desenvolvido na região sempre foi bastante seletivo quanto aos consumidores desses serviços, exigindo um alto padrão de poder aquisitivo quando comparado a modalidades como o turismo religioso, rural e ecoturismo, também desenvolvido nesse destino. (JUNIOR, 2010, p. 150).

O turismo de pesca adquiriu grande importância na sua função econômica e como fonte de trabalho para os ribeirinhos, assim, isto pode ter provocado sua ausência neste projeto, predominando seu caráter de fonte de subsistência e não como atividade turística.

Na mesma categoria de exploração turística do meio ambiente está também a visitação ao Pantanal, passeios em diferentes embarcações, turismo de aventura e outras modalidades exploradas conforme as condições e recursos do lugar.

Por outro lado, também é considerável o movimento turístico de compras, que atrai compradores de diferentes lugares em busca de produtos importados para uso pessoal ou que possam ser revendidos no comércio informal.

Contudo, não foram as atividades turísticas mencionadas anteriormente as que mobilizaram as professoras do grupo 2. O tema definido foi resultado de um pensamento conjunto, como afirma a professora Maria Luiza: “O nosso projeto surgiu da necessidade das escolas fronteiriças conhecer e valorizar a história uma

da outra”. O objetivo está, então, centrado na valorização da história e promoção do desenvolvimento da Educação cultural com vistas à aproximação entre os povos vizinhos da fronteira Brasil – Bolívia.

Essa proposta vai ao encontro dos pressupostos do PEIF, que em sua versão preliminar aponta:

Uma educação para as escolas de fronteira, nesse contexto, implica no conhecimento e na valorização das culturas envolvidas, tendo por base práticas de *interculturalidade*. Como efeito da interação e do diálogo entre os grupos envolvidos, têm-se, então, relações entre as culturas, o reconhecimento das características próprias, o respeito mútuo e a valorização do diferente como *diferente* (e não como ‘melhor’ ou ‘pior’). (BRASIL, 2008, p. 14).

Em primeira instância, se trata de um processo de reconhecimento do “eu” e do Outro como sujeitos participantes das práticas sociais e culturais que ocorrem na fronteira. A professora Mercy, da E. M. José de Souza Damy, manifesta sobre esse primeiro momento:

Os assuntos sobre cultura nos fez refletir sobre vários aspectos de convivência diferenciados, porém muito interessantes. A interculturalidade entre os seres humanos é importante para a globalização nos dias de hoje. É importante ter a nossa identidade cultural, saber dos nossos valores, tradições, símbolos, modos de convivência, e não adianta só conhecê-los, temos que pôr em prática essa cultura, esse intercâmbio cultural ocorre através do tempo, é o tempo que nos faz interagir com outras pessoas.

Esta fala nos reporta à resposta do antropólogo espanhol Manuel Delgado, quando indagado sobre a utilidade do patrimônio no cotidiano das pessoas:

El patrimonio sirve esencialmente para que los seres humanos tengan un cierto sentido de la continuidad, que entiendan que no acaban en sí mismos, que continúan en todos y cada uno de los demás con quienes conviven y que antes de ellos hubo otros que les precedieron, y que después habrán otros que les van a suceder. En este sentido, el patrimonio ya no es solamente el pasado de ese grupo humano que tal grupo reclama como propio; también es el futuro. El futuro también se hereda. Así, tanto en la dimensión pre figurativa como la post figurativa, el patrimonio no puede ser sino usado, es su uso y no otra cosa que su uso. (DELGADO, 2006, p. 50)⁵.

O turismo como atividade humana significa não só lugares que permitam uma visita ou contemplação, mas também ressignificam cerimônias, festividades, cantigas e outros bens considerados imateriais que expressam as tradições dos povos. Se por um lado o patrimônio cultural conta a história, a mantém presente

⁵ O patrimônio serve essencialmente para que os seres humanos tenham um certo sentido de continuidade, para que entendam que não terminam em si mesmos, que têm continuidade em todos e cada um com quem convivem e que antes deles houve outros que lhes precederam, e que depois haverá outros que lhes sucederão. Neste sentido, o patrimônio não é somente o passado desse grupo humano que o reclama como próprio, também é o futuro. O futuro também é herdado. Dessa forma, tanto na dimensão pré-figurativa quanto na pós-figurativa, o patrimônio não pode ser senão utilizado. É seu uso, e não outra coisa que seu uso. (DELGADO, 2006, p. 50, tradução nossa).

e invoca novas leituras, por outro lado exerce um papel de se vincular às pessoas, como expressa Martins Ramos (2010), quando associa a atividade turística aos processos migratórios, considerando estes um veículo de contato de culturas.

Com essa perspectiva humanista e humanizada do turismo como atividade significativa e ideologicamente comprometida com o contexto social e suas representações, iniciamos a próxima etapa do trabalho do PEIF.

Da preparação à prática

Como um preâmbulo que demonstre as impressões das professoras participantes, citamos a fala da professora Mercy: “Quando iniciamos o curso nos trouxe grande expectativa como iriam transcorrer os encontros, os estudos e discussões (...)”. Essas palavras expressam a expectativa que gerou nos professores pensar o roteiro do trabalho a ser desenvolvido em conjunto. Foram realizados alguns encontros presenciais do grupo para idealizar a organização e posterior apresentação do tema. Foi discutido o que seria relevante apresentar aos alunos, elementos motivadores que despertem seu interesse e mais que tudo, elementos nos quais eles possam reconhecer e valorizar o patrimônio que seria apresentado.

No encontro em outubro, foram sistematizados os conteúdos discutidos nas reuniões gerais. Uma das professoras manifesta-se assim sobre esses momentos de trabalho:

E foi assim que transcorreram os encontros do programa, brasileiros e bolivianos a cada encontro íamos descobrindo várias culturas, o que nos fez enxergar como somos tão ignorantes em não valorizar o que há mais bonito em nós mesmos. Como identidade cultural, somos diferentes, com valores, costumes, inteligências, é até mesmo bonito. Devemos deixar o preconceito de lado e sim nos unirmos para que possamos quebrar o tabu da nacionalidade entre brasileiros e bolivianos (...).

Denotam as palavras da professora que os encontros propiciaram momentos importantes de reflexão e conscientização que muitas vezes não praticamos pela efervescência do dia-a-dia e as inúmeras atividades e compromissos assumidos. Assim, o grupo chegou à concretude dos conteúdos a ser abordados e prepararam-se atividades que seriam trabalhadas em contextos invertidos, isto é, num processo inspirado no “cruce” do PEIF.

Considerando os pressupostos teóricos do Programa, cada professora manteria sua língua materna na apresentação do tema que seria trabalhado em sala de aula, isto coaduna com a proposta de aprendizagem que privilegia a compreensão da língua do outro: “A atitude das crianças frente à nova língua e suas motivações positivas para o aprendizado advém das suas experiências pessoais de contato

com falantes da segunda língua, em nosso caso o contato com a ou as professoras” (BRASIL, 2008, p. 13-14).

Na continuação, descrevemos a experiência realizada nas duas escolas e concluímos com as reflexões finais.

Chegando ao destino: Primeira escala⁶ em Corumbá

A primeira escola a acolher o projeto foi a Escola Municipal José de Souza Damy, no Bairro Cristo Redentor, localizada a aproximadamente 15 quilômetros da linha de fronteira. Embora distante da fronteira, esse bairro está formado, entre outras comunidades, por migrantes bolivianos. O historiador Giovani José da Silva (2009) identificou remanescentes dos Cambas-chiquitanos, índios considerados transnacionais, por pertencer a uma nação nômade que ocupou e ainda ocupa a região da atual chiquitania, localizada no oriente da Bolívia, entre *Santa Cruz de la Sierra* e Corumbá. Os Cambas-chiquitanos transitaram pelos territórios que viriam a ser, tendo adentrado pelos territórios que viriam a ser brasileiros, e que atualmente são os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

No dia combinado, as professoras bolivianas Karen e Rosángela apresentaram em espanhol alguns monumentos, praças e igrejas de *Puerto Quijarro* e *Puerto Suárez* (Figuras 1 e 2). Houve grande interesse por parte dos alunos, em saber um pouco mais dos locais exibidos. As professoras contaram histórias desses lugares, compondo, assim, as informações com dados históricos e culturais. Comentaram, também, qual era a frequência de visitas de turistas e como esses lugares faziam parte do cotidiano dos moradores locais.

As crianças que participaram da atividade mostraram-se interessadas, como mencionado anteriormente, e alguns manifestaram não conhecer os locais apresentados, não ocorrendo o mesmo quando foi referida a região comercial, o que não é de se estranhar, pois fazer compras é a atividade que atrai muitos brasileiros à fronteira, em especial a *Puerto Quijarro*. A esse respeito, encontramos informações sobre os Roteiros de fronteira no *site* do Ministério de Turismo, em que se dimensiona o volume de turistas e o quantitativo de recursos gastos nas atividades turísticas e de compras na fronteira do Brasil – Bolívia: “Apenas no ano passado, na região do Pantanal, 210 mil turistas gastaram cerca de R\$ 36 milhões no comércio fronteiriço com a Bolívia, localizado a menos de seis quilômetros do centro do município de Corumbá (MS).” (BRASIL, 2014).

⁶ Termo utilizado propositalmente em referência ao contexto turístico, como parada, lugar de arribada.



Figura 1 - *Iglesia Matriz e El mirador, em Puerto Suárez*

Acervo pessoal das autoras



Figura 2 - *Plaza principal de Puerto Quijarro*

Acervo pessoal das autoras

As professoras concluíram a atividade entregando lembrancinhas confeccionadas por elas mesmas com recortes dos lugares apresentados, gesto que repercutiu positivamente entre todos os presentes.

Segunda escala: Puerto Quijarro

A *Unidad Educativa “La Frontera”* acolheu a realização da segunda etapa do “cruce” desse projeto, como a participação das professoras brasileiras Maria Luiza

e Mercy. Essa unidade educativa está localizada muito próxima à linha de fronteira internacional, no distrito de *Arroyo Concepción*. Esse pode ser um dos motivos para a mudança de seu nome, já que até 2011 era conhecida como *Resguardo*, passando a se denominar *La Frontera*, como um gesto importante que demarca o lugar que ocupa e sua peculiaridade fronteiriça.

Para o desenvolvimento da atividade, os alunos foram conduzidos a uma sala onde foi instalado o *datashow* para exibir os slides que as professoras haviam preparado para a aula. A professora Rosângela deu início à atividade apresentando as professoras Maria Luiza e Mercy, A professora Maria Luiza comentou sobre suas primeiras percepções,

Observamos a postura dos alunos bolivianos quando a *maestra* Rosângela adentrou a sala de aula para nos apresentar. Todos os alunos se levantaram para saudá-la. Percebemos também que a sala de aula contém uma separação de níveis, pois o maestro ocupa a parte um pouco mais alta. O número de alunos é bem pouco, cerca de 18.

Nas escolas bolivianas fronteiriças os alunos, como um gesto de respeito, são orientados a ficar de pé quando os professores entram em sala de aula, sendo este comportamento um diferencial com relação às escolas de Corumbá e que foi observado com admiração pelas professoras brasileiras.

A apresentação foi feita em português e as professoras começaram perguntando quem conhecia Corumbá. Conforme relato dos alunos, alguns deles eram filhos de feirantes e iam com frequência para a cidade vizinha acompanhando seus pais.

Perceber Corumbá como um lugar conhecido, onde seus pais exercem atividade trabalhista foi um ponto que, segundo as professoras, colaborou para “quebrar o gelo” inicial, registrado nas palavras da professora Maria Luiza: “A participação dos alunos foi relevante, embora alguns demonstrassem timidez com nossa presença”.

A percepção da professora sobre o comportamento dos alunos coincidem com a da professora Mercy, que faz analogia com os alunos bolivianos que estudam na Escola Damy e também apresentam comportamento reservado e introvertido, sendo considerados alunos estudiosos e que “não dão trabalho” quanto à disciplina.

Salientamos algumas percepções sobre o contato humano vivenciado nesse período que despontou na fala da professora Mercy narrou a seguinte experiência ocorrida na Escola Municipal Damy:

Antes de participar deste Programa, passei uma experiência no local onde trabalho. A pedido da Secretaria de Educação de Corumbá, fizemos uma pesquisa na escola sobre o número de descendentes de bolivianos entre os alunos. Conforme o desenvolvimento da

pesquisa, me surpreendi, por incrível que pareça, que os alunos estavam com vergonha e medo de expor a sua descendência devido ao *Bullying*. Ao perceber isso, contei-lhes que sou descendente de bolivianos, aliás, que mal teria isso, dizendo-lhes que, conforme o número de descendentes, a Secretaria de Educação iria implantar na grade curricular a língua estrangeira (espanhol) na escola. Depois do diálogo, expondo a importância de sua origem, alguns alunos se encorajaram e assumiram sua descendência.

Esta fala permite abordar um aspecto que permeia as relações assimétricas estabelecidas na fronteira entre bolivianos e brasileiros e que se reflete na escola, implicando na desvalorização da identidade boliviana. É possível que desta diferença surja a necessidade que o boliviano parece ter em incorporar-se ao contexto corumbaense, o que se pode considerar um ato legítimo na condição de habitante fronteiriço. Em contraposição, o brasileiro parece não ter interesse em conhecer o contexto boliviano, além do circuito de compras. Isto se expressa em atitudes como a indiferença em aprender o espanhol, por exemplo, sendo que no lado boliviano encontramos muitos jovens bolivianos que se tornaram falantes bilíngues (português-espanhol)⁷.

Outro aspecto que consideramos relevante, refere-se ao comportamento dos alunos bolivianos, e a diferença notória de comportamento deles nas escolas de Corumbá, Essa percepção está registrada em diferentes estudos citados anteriormente neste mesmo artigo. Entretanto, esse não é um comportamento que se produz apenas nas escolas da fronteira. Em estudos desenvolvidos nas escolas frequentadas por migrantes bolivianos em São Paulo, as pesquisadoras Magalhães e Schilling (2012) relatam terem observado o mesmo comportamento dos alunos bolivianos.

Nas entrevistas que as autoras fizeram com alunos, professores e pais, abordando esse tema, as respostas não foram coincidentes, remetendo-se à “forma de ser do boliviano”, ao “medo”, ao “respeito”, entre outras percepções registradas.

Diante disso, consideramos importante resgatar as seguintes considerações que podem permitir ampliar nossas reflexões:

Esse traço, esse notável silêncio conduz-nos a outra reflexão, muito presente na conversa com professores, diretor e outras pessoas não migrantes de dentro de fora da escola: diz respeito ao *pouco* conhecimento que se tem sobre a população de origem boliviana que vive em São Paulo. “*Não conheço, não sei bem, acho que, parece, não tenho certeza*” foram expressões que recorrentemente apareceram (...). (MAGALHÃES; SCHILLING, 2012, p.55).

⁷ Um estudo mais aprofundado dos usos linguísticos do português e espanhol na fronteira em foco será abordado em trabalho que está sendo desenvolvido por uma das autoras, e encontra-se em fase de coleta de dados.

Este parêntese que abrimos para registrar as percepções do comportamento dos alunos bolivianos nas escolas de Corumbá pode nos proporcionar chaves de reflexão sobre como reconhecer e valorizar o patrimônio próprio, e simultaneamente conhecer e respeitar o patrimônio do Outro, sem que as pessoas sintam a necessidade se tornar-se “melhor” apenas para poder ser aceito.

Após esse primeiro momento, deu-se início à apresentação dos slides, e foi registrado da seguinte forma: “Aproveitando esse diálogo descontraído, introduzimos os pontos turísticos de Corumbá. O assunto causou curiosidade na turma. Então, fomos apresentando cada ponto turístico com o auxílio de *slides*, sempre deixando abertura para a participação dos alunos”.

Os alunos identificaram alguns pontos que já conheciam, e tiveram oportunidade de ouvir sobre a história que guardam esses lugares, como por exemplo, o fato da Praça da Liberdade, na atualidade localizada no centro da cidade, ter sido o antigo zoológico de Corumbá, (Figura 3).



Figura 3 - Praça da Independência

Acervo pessoal das autoras

A atividade foi concluída com a entrega de uma fotocópia para cada aluno, contendo os pontos turísticos de Corumbá, com o intuito de que os alunos pudessem ter uma fonte de pesquisa para atividades posteriores.

Reflexões finais

Queremos, para finalizar, registrar algumas percepções e reflexões sobre a experiência de intervenção realizada, com o tema centrado no Turismo.

Em primeira instância, o Turismo, que aparenta ser um tema simples para trabalhar como atividade escolar, principalmente porque a cidade de Corumbá e região são tidas como polo turístico com grande potencial (embora ainda não explorado adequadamente), mostrou-se um tema complexo, pelas funções sociais que cumpre e sua implicação como processo histórico.

Somado a isso, como dissemos anteriormente, muitos dos pontos considerados turísticos, passam a serem percebidos de forma *naturalizada* pelos habitantes locais, o que ensombrece sua importância e caráter histórico cultural que uma atividade, como a que foi desenvolvida no PEIF, traz à tona, provocando um novo olhar para os lugares em que se transita cotidianamente.

Resgatamos isto da percepção dos alunos bolivianos que transitavam nos lugares apresentados pelas professoras brasileiras, no entanto não os reconheciam como pontos turísticos carregados de histórias e registros de um cotidiano diferenciado em tempos passados.

Observamos que não foi mencionado o rico patrimônio imaterial desta região, como o tradicional Banho de São João, celebrado no dia 23 de junho e que mobiliza a comunidade em Corumbá, nem a festividade da *Virgen de Urkupiña*, celebrada em *Puerto Quijarro*, festa que reproduz os mesmos rituais que ocorrem em *Quillacollo*, município localizado em *Cochabamba*, lugar em que se encontra o morro onde se celebra essa festividade em 15 de agosto.

Com referência ao “turismo de compras”, os alunos brasileiros evocaram à prática da atividade comercial, associando *Puerto Quijarro* apenas às compras, que lá se realizam em determinados pontos como o “Moderno centro comercial 12 de outubro”, conhecido popularmente como “feirinha”; e as lojas estabelecidas na zona franca, que são muito frequentadas por visitantes provenientes de outros lugares e por corumbaenses.

Os pontos turísticos reforçam a idealização de apresentar nas representações físicas, padrões aceitos e consolidados socialmente, mas que às vezes não estão incorporados à cultura do cotidiano. Esse pode ser um motivo pelo qual essas representações não são valorizadas/preservadas/cuidadas pelos cidadãos e por vezes abandonadas pelo poder público.

Com relação à experiência pedagógica realizada, as professoras concordam em afirmar que a proposta contribuiu significativamente na sua prática docente.

No entanto, destacam que sentiram falta de materializar a ação, como por exemplo, levando os alunos a alguns pontos turísticos mencionados na apresentação possibilitando, assim, sua vivência no local.

Colocamos em destaque o aspecto comportamental dos alunos bolivianos, porque consideramos relevante que conhecer aquele que convive no nosso cotidiano pode nos possibilitar construir uma interação equitativa, que evite julgamentos e preconceitos.

Por outro lado, perguntamo-nos. Como percebem professores bolivianos aos alunos brasileiros? Que sentido provoca a efusividade de seu comportamento? Há relatos registrados do PEIF nas escolas da fronteira de Ponta Porã e *Pedro Juan Caballero*, em que os professores paraguaios estranharam o comportamento (que tende à indisciplina) desses alunos.

Com estas indagações chegamos a um ponto crucial. O PEIF é um programa que necessita ser permanentemente reformulado em que a participação binacional em todas as suas etapas é imprescindível para atender as expectativas e necessidades dos participantes, isto é, precisamos discutir os sentidos que guardam conceitos, comportamentos e crenças que podem ser entendidos ou tratados de diferente forma. Por exemplo, a disciplina, como comportamento, manifesta-se diferenciada pelas tradições e rituais escolares de cada país, repercutindo nas relações sociais e constituindo-se em um ponto que tem aspecto intercultural significativo. Para pensar e construir a interculturalidade que se vislumbra como perspectiva educativa é necessário estabelecer relações que superem a discriminação e o distanciamento gerados muitas vezes pelo desconhecimento.

Como o PEIF está apenas começando na fronteira Corumbá – *Puerto Quijarro*, muitos outros aspectos que permeiam e constituem o cotidiano escolar ainda precisam abordados. A escola é o lugar em que a convivência é iniludível, e se apresenta como um microcosmo que reflete a sociedade em que está instalada.

Finalizamos com algumas falas lançadas pelo grupo e que ficam como reflexão final: “Então, este programa nos trouxe a reflexão em relação aos alunos bolivianos que vem para a cidade vizinha que é Corumbá para estudar, nos seguintes aspectos: será que nós professores olhamos para esse aluno com um olhar diferenciado? Será que valorizamos a sua cultura, que fazemos perguntas sobre o seu país de origem, para que os demais alunos aprendam das suas culturas e que possam respeitá-lo? Que interculturalidade estamos construindo nesta região de fronteira?”.

Referências

- BRASIL. Ministério do Turismo. Roteiros de fronteira impulsionam o turismo no país. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20141020.html>. Acesso em 7 nov. 2014.
- _____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Escolas de fronteira. Brasília: MEC, 2008, 37 f. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=836&id=12586&option=com_content&view=article>. Acesso em: 11 jan. 2013.
- CASTROGIOVANNI, A. C.; GASTAL, S. Fronteiras e Turismo: Tensionando Conceitos. In: Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 4, 2006. Caxias do Sul, PR. Disponível em: <[http://www.google.com.br/www.ucs.br%2Fucs%2FtplsSemMenus%](http://www.google.com.br/www.ucs.br%2Fucs%2FtplsSemMenus%2F)>. Acesso em: 25 out. 2013.
- COSTA, V. C.; SILVA, A. S.; SOUZA, T. F. P. B. A inclusão de crianças bolivianas nas escolas municipais de Corumbá-MS. Relatório final de Iniciação Científica, UFMS, Campus do Pantanal, 2008.
- DELGADO, M. Sobre antropología, patrimonio y espacio público. Revista Austral de Ciencias Sociales, Valdivia, 10, p. 49-66, 2006. Entrevista concedida a Marcelo Godoy e Francisca Poblete. Disponível em: <<http://mingaonline.uach.cl/pdf/racs/n10/art04.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2014.
- DORNELLES, C. Relatório da II Capacitação Bilateral. IPOL, Foz de Iguazu, 2006.
- JÚNIOR, A.O.S. Espaço turístico na fronteira do Brasil (Corumbá-MS) com a Bolívia. 2010. 123f. Dissertação (Mestrado em estudos fronteiriços) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Corumbá, MS, 2013.
- MAGALHAES, G. M.; SCHILLING, F. Imigrantes da Bolívia na escola em São Paulo: fronteiras do direito à educação. Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 1, abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 jan. 2014.
- MARTINS RAMOS, F. Antropologia, turismo e invasões das periferias. ETNICEX, Revista de estudos etnográficos. 1, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ojs.es/index.php/eticex/article/view/913/721>>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- RIBEIRO, M. L. O. O idioma e a escola de fronteira como fatores de inclusão social de crianças e adolescentes em Corumbá (BR) e Puerto Quijarro (BO). 2001. 70f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Corumbá, MS, 2011.
- RIVAS, V. E. “Yo no soy boliviano, soy carioco”, Entre línguas e preconceitos na fronteira Brasil/Bolívia. 2001. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Corumbá, MS, 2011.
- RODRIGUES, A. L.; SOUZA, R. Q. A educação na fronteira: o caso dos alunos bolivianos na rede pública e particular de Corumbá/MS. Relatório final de iniciação científica, UFMS, Campus do Pantanal, 2011.
- SILVA, A. S.; SOUZA, T. F. P. B. As crianças bolivianas na educação infantil brasileira. Textos & Debates, Boa Vista, n. 3, p. 23-36, jan./jun. 2012. Disponível em: <[file:///C:/Users/USER/Downloads/1592-5798-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/USER/Downloads/1592-5798-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 17 set. 2013.
- SILVA, G. J. da. A presença Camba-Chiquitano na fronteira Brasil-Bolívia(1938-1987): identidades, migrações e práticas culturais. 2009. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <https://portais.ufg.br/up/113/o/TESE_GIOVANI_JOS____DA_SILVA_parte_001.pdf>. Acesso em 15 maio 1012.
- STURZA, E. R. Das experiências e dos aprendizados no Programa Escolas Interculturais de Fronteira, in: Escolas Interculturais de Fronteira, Ano XXIV - Boletim 1 – Salto para o Futuro, TV Escola, maio 2014.
- THOMAZ, Karina Mendes. A política linguística do projeto escolas interculturais bilíngues de fronteira do MERCOSUL: ensino de segunda língua para as áreas fronteiriças. Línguas e letras, Cascavel, v. 11, n. 21, 2º Sem. 2010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/3545/3462>>. Acesso em: 11 dez. 2012.